

PERCEPÇÃO COMO INTERPRETAÇÃO

Rodrigo Duarte¹

Resumo

Este artigo enfoca a apropriação que Horkheimer e Adorno fazem da doutrina kantiana do esquematismo no sentido de apontar para o procedimento – característico da indústria cultural – de usurpar de seus consumidores a capacidade de “esquematizar” (referir intuições a conceitos) por si próprios. Considerando-se que os autores não dão outras indicações sobre como se dá esse processo em relação aos meios de massa, o texto procura explicar como a própria percepção em geral é atingida pela “usurpação do esquematismo” a partir de colocações do capítulo da *Dialética do esclarecimento* sobre o antisemitismo. Essas colocações são complementadas – e também comparadas – com as de Hans Lenk no seu livro *O pensamento e o seu conteúdo*.

Palavras-chave: Teoria Crítica, Escola de Frankfurt, Immanuel Kant

¹Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1982), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1985) e doutorado em Filosofia - Universität Gesamthochschule Kassel (1990). Realizou estágios de pós-douoramento na University of California at Berkeley (1997) e na Universität Bauhaus de Weimar (2000). Atualmente é professor titular do Depto. de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, Estética e Filosofia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: escola de frankfurt, adorno, autonomia da arte, arte contemporânea e arte de massa. Desde maio de 2006 é presidente da Associação Brasileira de Estética (ABRE). E-mail:roduarte@fafich.ufmg.br

Introdução

Uma vez que se tornaram insustentáveis tanto a concepção tradicional – escolástica – quanto a positivista de percepção, inúmeras são as possibilidades de abordar essa última como um modo de interpretação, já que os elementos sensíveis advindos do exterior à nossa consciência não podem ser entendidos nem como a coisa mesma, nem apenas como dados psicofísicos que, independentes de qualquer concurso subjetivo, nos instruem sobre a realidade externa. Como é amplamente sabido, devemos a superação da ilusão realista em grande parte ao Criticismo de Immanuel Kant, segundo o qual através do conhecimento não nos pomos em contato com coisas em si, mas com fenômenos (coisas para nós) – sem que isso em nada diminua a exatidão e o alcance de nossa ciência natural. Por outro lado, devemos a superação dos exageros positivistas sobre a ausência total de introspecção no conhecimento de um modo muito particular aos representantes da Teoria Crítica da Sociedade, que desde os anos 1930 já criticavam a unilateralidade desse ponto de vista:

Se o que está em questão neste artigo é apresentar uma versão consistente da idéia da percepção como uma espécie de interpretação, seria interessante investigar, inicialmente, até que ponto as duas vertentes de pensamento mencionadas – o Kantismo e a Teoria Crítica – poderiam se conectar no sentido de tornar frutífera tanto a superação definitiva do realismo gnosiológico quanto à crítica ao conceito positivista da percepção como um processo psicofísico fechado, sem qualquer lugar para contribuições subjetivas, como fica sugerido na idéia de um momento interpretativo concomitante ao próprio ato de perceber algo.

Esse liame existe numa articulação feita por Horkheimer e Adorno, na *Dialética do esclarecimento*, na qual os autores inusitadamente aproximam a doutrina kantiana do

esquematismo das condições de assimilação sensível previamente dadas pelas instâncias de controle do capitalismo tardio.

Desse modo, retoma-se na primeira e segunda parte deste artigo essa apropriação crítica do esquematismo tendo em vista as situações de percepção típicas da sociedade contemporânea. Na terceira parte, apresenta-se uma apropriação mais recente – e mais explicitamente voltada para a questão gnosiológica – da concepção kantiana de esquema, com o objetivo de mostrar que, também nesse caso, encontra-se presente um ponto de vista explícito sobre a percepção como forma de interpretação.

1. Uma aproximação inusitada: esquematismo e indústria cultural

Mesmo a quem tenha conhecimento do *background* kantiano na formação filosófica de Theodor Adorno e de Max Horkheimer é, por várias razões, surpreendente e até mesmo desconcertante a referência explícita, na *Dialética do esclarecimento*, ao “esquematismo” da *Crítica da razão pura* em conexão com as estratégias de manipulação das consciências levada a cabo por instâncias ideológicas do capitalismo tardio. Essa referência explícita ocorre inicialmente no excurso 2, intitulado “Juliette ou esclarecimento e moral”, num trecho em que os autores discutem a ambigüidade do conceito moderno – burguês – de razão, em cuja formação Kant tem um papel muito especial: por um lado, o eu transcendental supra-individual aponta para a possibilidade de uma racionalidade superior potencialmente congregadora de todos os seres humanos: em uma palavra, a própria utopia. Por outro lado, esse mesmo eu transcendental mostra-se como a instância privilegiada de uma racionalidade eminentemente calculadora, dominadora, que se coloca a serviço das forças que exatamente ocasionam a discórdia e o antagonismo entre os homens, em suma,

do poder do capital. Desse modo, o esquematismo é visto por Horkheimer e Adorno como uma espécie de ícone da mencionada ambigüidade da razão:

A verdadeira natureza do esquematismo, que consiste em harmonizar exteriormente o universal e o particular, o conceito e a instância singular, acaba por se revelar na ciência atual como o interesse da sociedade industrial. O ser é intuído sob o aspecto da manipulação e da administração. Tudo, inclusive o indivíduo humano, para não falar do animal, converte-se num processo reiterável e substituível, mero exemplo para os modelos conceituais do sistema.

Tendo como pano de fundo essa colocação mais genérica, os autores especificam o papel assumido pelo esquematismo na sociedade industrial tardo-capitalista, chamando a atenção para o modo como a percepção da realidade em geral é condicionada pela racionalidade, não no primeiro sentido aludido – relacionado com a utopia –, mas naquele outro, de uma razão puramente instrumental, que se coloca exatamente a serviço da valorização do capital sobre todas as coisas:

Kant antecipou de modo intuitivo o que somente Hollywood realizou conscientemente: as imagens são pré-censuradas já em sua própria produção segundo os padrões do entendimento em cuja medida elas devem ser vistas posteriormente. A percepção, através da qual o juízo público se encontra confirmado, já era direcionada por aquele antes que ela aparecesse.

A menção a Hollywood nesse trecho aponta para a formulação mais típica do relacionamento entre a concepção kantiana do esquematismo e as estratégias que o capitalismo tardio encontrou para continuar predominando na sociedade contemporânea. Em outras palavras, Horkheimer e Adorno colocam o esquematismo em relação com um dos fenômenos mais específicos do chamado “capitalismo tardio”, i.e., a produção de bens culturais numa escala industrial, em outras palavras, a própria indústria cultural:

A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. Ela

executa o esquematismo como primeiro serviço a seus clientes. Na alma deveria funcionar um mecanismo secreto, o qual já prepara os dados imediatos de modo que eles se adaptem ao sistema da razão pura. O segredo foi hoje decifrado. Se também o planejamento do mecanismo por parte daqueles que agrupam os dados é a indústria cultural e ela própria é coagida pela força gravitacional da sociedade irracional – apesar de toda racionalização –, então a maléfica tendência é transformada por sua disseminação pelas agências do negócio em sua própria intencionalidade tênue. Para os consumidores nada há mais para classificar, que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. A arte para o povo desprovida de sonhos preenche aquele onírico idealismo, que para o criticismo ia longe demais. Tudo vem da consciência, em Malebranche e Berkeley da consciência de Deus; na arte para as massas, da consciência terrena das equipes de produção.

O desconforto em relação a essas duas referências explícitas ao esquematismo na *Dialética do esclarecimento* se dá, em primeiro lugar, porque o contexto gnosiológico em que Kant apresenta a tese do esquematismo enquanto mediação entre as – para ele – incongruentes esferas da sensibilidade e do entendimento é aparentemente irreconciliável com a ambientação teórica frankfurtiana, na qual um modelo dialético de racionalidade crítica, de um ponto de vista ético e estético, a suposta neutralidade axiológica da razão científica – encarnada também pela epistemologia kantiana – e suas repercussões nefastas no mundo contemporâneo.

Além disso, a menção ao esquematismo, tal como é feita, na *Dialética do esclarecimento*, nas duas vezes supracitadas em conexão com a crítica à indústria cultural, à primeira vista, parece ajudar pouco a compreender a essência do processo de reificação das consciências por ela realizado, lançando no ar mais perguntas do que respostas. Pois o capítulo da “doutrina transcendental do juízo” referente ao “esquematismo dos conceitos puros do entendimento” na *Crítica da razão pura* é considerado uma das páginas mais

obscuras da filosofia moderna e até hoje especialistas se digladiam sobre diversas questões, tais como a natureza dos “esquemas” (se mais próximos de uma imagem ou de um conceito), a própria necessidade funcional do esquematismo na arquitetura da *Crítica da razão pura* etc.

Uma das principais fontes das objeções levantadas pelos críticos da doutrina do esquematismo, desde a época de Kant até hoje, é uma formulação que se encontra em seu próprio texto, segundo a qual esse procedimento de nosso espírito encontra-se envolto numa capa de mistério: não há como explicar cabalmente, nem “prever”, a maneira pela qual a imaginação *in loco* cria o elemento de ligação entre as instâncias radicalmente heterogêneas da sensibilidade e do entendimento, facultando a possibilidade de subsumir objetos aos conceitos empíricos ou de “aplicar” uma das doze categorias aos fenômenos oriundos do acolhimento das intuições sensíveis pelas formas puras da sensibilidade, as intuições puras a priori: espaço e tempo. O mencionado “mistério” surge na seguinte formulação: “No tocante aos fenômenos e à sua mera forma, este esquematismo de nosso entendimento é uma arte oculta nas profundezas da alma humana cujo verdadeiro manejo dificilmente arrebataremos algum dia à natureza, de modo a poder apresentá-la sem véu”

Dentre as inúmeras perguntas que surgem a partir da aproximação do esquematismo ao processo de manipulação das consciências levado a cabo pela indústria cultural poderíamos destacar as seguintes: 1) o que significa, na prática, dizer que a indústria usurpa aos sujeitos a possibilidade de associar seus perceptos a representações mais universais – os conceitos –, faculdade que, de modo quase congênito, lhes pertenceria? 2) Como ocorre tal processo? 3) Quais são as conseqüências mediatas dessa usurpação? 4) Como é possível compreender o esquematismo como processo gnosiológico num sentido mais amplo, desvinculando-o do contexto epistemológico em que Kant o concebeu, de modo a

aproximá-lo da situação geral em que as pessoas podem tornar-se “presas” da indústria cultural?

2. Esquematismo e “projeção” na *Dialética do esclarecimento*

Todas essas questões (e outras ainda) são parte integrante da pesquisa à qual me dedico no momento, mas apenas a última diz respeito diretamente ao tema da interpretação, que nos interessa aqui. A exemplo das outras questões relativas à aproximação entre o esquematismo e as formas sensíveis no capitalismo tardio, os autores da *Dialética do esclarecimento* não são nada explícitos, no capítulo dedicado à indústria cultural, no tocante à problemática da questão 4), figurando lá apenas as duas passagens aqui apresentadas. A situação seria mesmo desesperadora, se não houvesse, na parte intitulada “Elementos do antisemitismo”, indicações – ainda que não totalmente explícitas – sobre o modo como o esquematismo se encontra presente em nossas mais tênues percepções e como elas são apropriadas, para fins de dominação, pelo capitalismo tardio.

Trata-se da teoria da “falsa projeção”, exposta na seção VI do capítulo sobre o anti-semitismo. Na seção anterior desse capítulo, Horkheimer e Adorno discutem o tema da mimesis, procurando mostrar que o comportamento mimético “normal” encontra-se sedimentado como uma das ações mais elementares da existência humana, sendo, entretanto, apropriado pelos líderes fascistas no sentido de impor um padrão de conduta aos seus adeptos, o qual deve ser acriticamente reproduzido, desembocando no que os autores chamam de “falsa mimesis”. Logo no início da seção sobre a falsa projeção, os autores propõem a existência de uma simetria entre os comportamentos mimético e projetivo:

O anti-semitismo baseia-se numa falsa projeção. Ele é o reverso da mimese genuína, profundamente aparentada à mimese que foi recalcada, talvez o traço caracterial patológico em que esta se sedimenta. Se a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção

torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, o estranho tornando-se o familiar, a segunda transpõe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil. Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial.

Nessa teoria, ressalta primeiramente uma grande influência do ponto de vista freudiano sobre a projeção enquanto mecanismo inconsciente, através do qual o indivíduo transfere para outrem sentimentos e representações para os quais ele – por diversas razões – não acha lugar em sua interioridade. Dentre os textos em que Freud trata do mecanismo de projeção, destaca-se o capítulo III, intitulado “Sobre o mecanismo da paranóia” do seu escrito *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1911). Nesse texto, tendo em vista o caso do paciente identificado como Dr. Schreber, Freud anuncia, inicialmente, a relação íntima do mecanismo de projeção com a paranóia, para em seguida – de um modo semelhante ao que farão posteriormente Horkheimer e Adorno – apontar para a possibilidade de a projeção ser *também* um comportamento enraizado no próprio embate da consciência com o mundo exterior, fundamental, portanto, na formação da *experiência* que podemos ter do mundo. Segundo Freud,

A característica mais notável da formação de sintomas na paranóia é o processo que merece o nome de *projeção*. Uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. Nos delírios de perseguição, a deformação consiste numa transformação do afeto; o que deveria ter sido sentido internamente como amor é percebido externamente como ódio. Deveríamos sentir-nos tentados a encarar esse processo notável como o elemento mais importante na paranóia e dela absolutamente patognomônico, se oportunamente não nos lembrássemos de duas coisas. Em primeiro lugar, a projeção não desempenha o mesmo papel em todas as formas de paranóia;

e, em segundo, ela faz seu aparecimento não apenas na paranóia mas também sob outras condições psicológicas, e de fato é-lhe concedida participação regular em nossa atitude para com o mundo externo. Pois, quando atribuímos as causas de certas sensações ao mundo externo, ao invés de procurá-las (como fazemos no caso dos outros) dentro de nós mesmos, esse procedimento normal também merece ser chamado de projeção.

É digno de nota, no entanto, o fato de que, quando Horkheimer e Adorno, sob forte inspiração freudiana, começam a falar da projeção como esse mecanismo que se encontra na base da relação de nossa consciência com o mundo exterior, eles façam uma referência, ainda que não nominal, ao esquematismo kantiano. Nesse trecho não aparecem as palavras “esquematismo” ou “esquema”, mas falando do relacionamento da projeção com a percepção e da constituição do mundo objetivo pela consciência, os autores transcrevem o trecho da *Crítica da razão pura*, aqui citado, em que Kant fala da “arte escondida nas profundezas da alma humana” (não é demais lembrar que esse trecho aparece citado também na 2ª referência nominal ao esquematismo na *Dialética do esclarecimento*, i.e., no capítulo sobre a indústria cultural):

Em certo sentido, perceber é projetar. A projeção das impressões dos sentidos é um legado de nossa pré-história animal, um mecanismo para fins de proteção e obtenção de comida, o prolongamento da combatividade com que as espécies animais superiores reagem ao movimento, com prazer ou desprazer e independentemente da intenção do objeto. A projeção está automatizada nos homens, assim como as outras funções de ataque e proteção, que se tornaram reflexos. É assim que se constitui seu mundo objetivo, como um produto daquela “arte escondida nas profundezas da alma humana cujos procedimentos dificilmente haveremos de arrancar à natureza e expor aos olhos de todos”. O sistema das coisas, a ordem fixa do universo, do qual a ciência constitui tão-somente a expressão abstrata, é, se dermos uma interpretação antropológica da crítica kantiana do conhecimento, o produto inconsciente do instrumento que o animal usa na luta pela vida, isto é, daquela projeção espontânea.

Não podemos nos iludir, no entanto, sobre a “ortodoxia” dessa adesão, por parte de Horkheimer e Adorno, à doutrina do esquematismo tal como ela aparece na *Crítica da razão pura*: apesar de toda a inspiração kantiana no que tange ao caráter de construto “transcendental” da realidade e do hiato entre nossas representações e as coisas em si mesmas, os autores da *Dialética do esclarecimento* transgridem conscientemente a separação radical entre sensibilidade e entendimento tão cara (e necessária) a todo o construto gnosiológico de Kant. Mas eles o fazem em prol de uma concepção dialética das relações entre sujeito e objeto, interioridade e exterioridade, universalidade e particularidade etc., de um modo que, mesmo muito influenciado por Hegel e Marx não é de todo incompatível com as posições mais arejadas do neokantismo ou de certas vertentes atuais da *Kantforschung*, como indicaremos adiante.

A mencionada “transgressão” se expressa sobretudo na afirmação de que já na percepção ocorre uma forma de juízo: “(...) Schopenhauer e Helmholtz (...) sabiam muito mais sobre as relações entrecruzadas do sujeito e do objeto do que o prolongamento coerente e oficial da escola neopsicológica ou neokantiana: a imagem perceptiva contém, de fato conceitos e juízos” Como se sabe, a rigor, isso não seria possível em Kant, já que, para ele, a percepção se dá principalmente no plano da sensibilidade, enquanto conceitos e juízos – pelo menos no sentido gnosiológico em questão – são atributos do entendimento. A fidelidade de Horkheimer e Adorno a um ponto de vista transcendental *sui generis* se expressa, no entanto, no mencionado posicionamento “crítico”, não realista, que concebe uma diferenciação radical entre o objeto a partir do qual surge em nós uma representação e a própria representação:

Entre o objeto verdadeiro e o indubitável dado dos sentidos, entre interior e exterior, estende-se um abismo, o qual tem que ser transposto pelo sujeito por sua conta e risco. Para espelhar a

coisa como ela é, o sujeito deve dar-lhe de volta mais do que dela obtém. (...) A profundidade interna do sujeito não consiste em nada mais senão a delicadeza e a riqueza do mundo da percepção externa. Quando o entrelaçamento é rompido, o ego se petrifica. Quando ele se esgota, no registro positivista de dados, sem nada dar ele próprio, se reduz a um simples ponto (...)

No veio crítico aqui apresentado, a reflexão é concebida primeiramente no sentido da dedução transcendental das categorias na *Crítica da razão pura*, i.e., da autoconsciência do sujeito enquanto elemento primordial na determinação das intuições sensíveis através dos conceitos puros do entendimento. Mas “reflexão”, aqui, possui também uma filiação claramente dialética no sentido hegeliano e marxista, de acordo com o qual a interação sujeito-objeto é uma via de mão dupla: na percepção do objeto ocorre um tipo de construção subjetiva que, no entanto, fica dependendo de uma espécie de “confirmação” por parte daquele quanto à justeza dos contornos a ele atribuído pelo sujeito. Ocorre, portanto, uma relação tensa entre as parcelas objetiva e subjetiva, sem que seja excluída a possibilidade da reconciliação, compreendida enquanto projeção controlada, i.e., refletida:

Não é na certeza não afetada pelo pensamento, nem na unidade pré-conceptual da percepção e do objeto, mas em sua oposição refletida, que se mostra a possibilidade da reconciliação. A distinção ocorre no sujeito que tem o mundo exterior na própria consciência e, no entanto, o conhece como outro. É por isso que esse refletir, que é a vida da razão, se efetua como projeção consciente

É interessante observar que as outras referências, mais ou menos explícitas, ao esquematismo nessa seção da *Dialética do esclarecimento* têm como ponto fulcral a degeneração do comportamento projetivo considerado normal no sentido de um tipo de formação paranóica, que é inspirada na caracterização feita por Freud – especialmente no texto supramencionado –, porém introduz a novidade de o anti-semitismo e, especialmente,

seu paroxismo na variante nazista, ser considerado um tipo de paranóia coletiva, associada, como já se disse, a um distúrbio radical na projeção reflexiva que leva ao conhecimento fundamentado:

O patológico no anti-semitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar

Desse modo, a mania de perseguição, que Freud associara ao processo projetivo da paranóia individual, está associada na paranóia coletiva do anti-semitismo a uma projeção descontrolada, que, em vez, de ocorrer de modo reflexivo, i.e., com consciência da mútua inter-relação de elementos subjetivos e objetivos na construção da realidade exterior, tende a ver como realidades acabadas e imutáveis do mundo externo exatamente os conteúdos de sua psique doentia. Por isso, para Horkheimer e Adorno, nesse caso, nunca ocorre conhecimento digno do nome, pois a esquematização oriunda da falsa projeção é congenitamente defeituosa: o paranóico se relaciona com o real através de “um esquema privado, que não é compartilhado por ninguém” e a catástrofe que a projeção defeituosa sinaliza espera apenas por sua ação para se concretizar: “O eu que projeta compulsivamente não pode projetar senão a própria infelicidade, cujos motivos se encontram dentro dele mesmo, mas dos quais se encontra separado em sua falta de reflexão. Por isso os produtos da falsa projeção, os esquemas estereotipados do pensamento e da realidade, são os mesmos da desgraça”.

Mas fica difícil dizer que a projeção normal que engendra, através do esquematismo, o conhecimento potencialmente correto é de natureza radicalmente diversa

da projeção patológica e os autores sugerem que o comportamento reflexivo do sujeito faz com que a diferença entre ambas seja apenas de grau: em ambas há o momento de reificação do objeto, que na projeção normal é flexibilizado pela reflexão e na patológica é tornado absoluto. Isso explica porque Horkheimer e Adorno lançam, de modo curioso e radical, a idéia de que no processo de conhecimento em geral – e não apenas no distúrbio paranóide das relações sujeito-objeto – existem resquícios de comportamentos doentios que podem levar a uma “recaída” na paranóia. Desse modo, eles procuram apontar para o parentesco existente entre algo unanimemente considerado sadio como a ciência e o protótipo da perversão mental tornada força política, i.e., o nazi-fascismo: ambos remetem à dominação unilateral, à subjugação do objeto pelo sujeito, desconsiderando todas suas especificidades:

Sempre que as energias intelectuais estão intencionalmente concentradas no mundo exterior, ou seja, sempre que se trata de perseguir, constatar, captar (que são as funções que, tendo origem na empresa primitiva de subjugação dos animais, se espiritualizaram nos métodos científicos da dominação da natureza), tendemos a ignorar o processo subjetivo imanente à esquematização e a colocar o sistema como a coisa mesma. Como o pensamento patológico, o pensamento objetivador contém a arbitrariedade do fim subjetivo que é estranho à coisa; ele esquece a coisa e, por isso mesmo, inflige-lhe a violência a que depois é, mais uma vez, submetida na prática

Apenas para lembrar algo associado ao nosso ponto de partida, é importante observar que a petrificação da consciência oriunda da falsa projeção, a qual engendra a consciência doentia, defeituosamente esquematizante, do antisemita, liga-se ao que Horkheimer e Adorno chamam de “semicultura: uma relação equivocada com o âmbito das realizações do espírito, a qual se coaduna esplendidamente com o rebaixamento espiritual introduzido pelo capitalismo tardio: “A tendência à falsa projeção é tão fatalmente inerente ao espírito, que ela, esquema isolado da autoconservação, ameaça dominar tudo o que vai

além dela: a cultura. A falsa projeção é o usurpador do reino da liberdade e da cultura; a paranóia é o sintoma do indivíduo semicultivado". Pressuposta essa relação entre o esquematismo e a projeção, não pode pairar dúvidas quanto à relação de complementaridade entre a semicultura – típica do antisemita – e a indústria cultural. Sobre isso, os autores declaram que,

Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo. Na fase totalitária da dominação, a semicultura chama de volta os charlatães provincianos da política e, como eles, como uma *ultima ratio*, o sistema delirante da política, e o impõe à maioria dos administrados já amolecidos, de qualquer maneira, pela grande indústria e pela indústria cultural

Indicada a inequívoca relação existente entre a projeção e o esquematismo – momento que pode ser registrado como contribuição própria da Teoria Crítica da Sociedade – resta indagar, tendo em vista os objetivos do debate aqui proposto, como essa relação se associa ao tema da interpretação, ou seja, quais são as conseqüências hermenêuticas do fato de que “toda percepção contém elementos conceituais inconscientes, assim como todo juízo contém elementos fenomenalistas não aclarados”. E, com isso, chegamos ao limite do que a *Dialética do esclarecimento* pode oferecer, pois, embora esteja latente na discussão sobre esquematismo e projeção, uma penetrante proposta de interpretação filosófica, herdeira da “Deutung” freudiana, sempre houve por parte dos representantes da “Escola de Frankfurt” a preocupação de delimitar seu terreno por oposição à vertente heideggeriana que, como se sabe, foi a mais influente no estabelecimento da hermenêutica contemporânea.

É importante assinalar – como já se sugeriu acima – que a relação entre o esquematismo kantiano e o tema filosófico da interpretação não é de modo algum estranha à *Kantforschung* contemporânea, sendo que vários autores, fazem dessa aproximação um

tópico fundamental em sua abordagem da filosofia de Kant. Mas, de um modo geral, fica faltando o enriquecimento da discussão com as contribuições que a teoria da falsa projeção pode oferecer no sentido de esclarecer os fundamentos psico-sociais desse fenômeno contemporâneo tão atual quanto terrível que é a perseguição racial por grupos neo-fascistas.

3. O modelo “epistemológico” da relação entre esquematismo e interpretação

No intuito de assinalar possíveis desenvolvimentos que a teoria do esquematismo, em conexão com o tema da interpretação, pode ter, eu gostaria de me referir brevemente à recente obra de Hans Lenk, *O pensamento e o seu conteúdo* no qual o autor considera a esquematização como um ato eminentemente interpretativo, mesmo que o faça de um ponto de vista teórico muito diferente do de Horkheimer e Adorno (com uma preocupação antes de tudo epistemológica), embora – como se verá – não totalmente incompatível com ele.

O ponto de partida de Lenk é um conceito geral de esquema enquanto construto através do qual os dados dos sentidos em geral (experiências, vivências e percepções singulares) são selecionados, filtrados, sondados e postos em conexão com um âmbito mais geral. Esse conceito de esquema é explicitamente baseado na concepção kantiana, mas se compreende como mais genérico, na medida em que, seguindo indicação do próprio Kant, a aplicação às categorias é um caso particular e todo objeto sensível depende de um esquema para sua subsunção sob um conceito (nesse caso, um conceito empírico): “Para nós é interessante apenas que Kant, nesse particular, emprega o conceito de esquema e a função de esquematização também à apresentação intuitiva e refigurativa de objetos da experiência, portanto de suas imagens representativas, mais especificamente também na vida cotidiana”.

Essa ênfase na cotidianidade remete a uma posição consolidada a seguir, segundo a qual, o contexto rigidamente transcendental em que Kant concebe o esquematismo seria hoje, por uma série de razões, insustentável. Primeiramente, para Lenk, a circunscrição, por parte de Kant, ao espaço da geometria euclidiana compromete o caráter do *a priori* no plano da sensibilidade, enquanto – no âmbito do entendimento – o vício das categorias se encontraria principalmente no seu aprisionamento a uma lógica predicativa, que, de longe, não cobriria a logicidade relacional – mais dinâmica – das situações vividas em nosso embate cotidiano com o ambiente, com o mundo circundante.

A partir desse posicionamento, Lenk explicita uma influência mais contemporânea em sua abordagem do esquematismo: trata-se do estudioso da psicologia cognitiva D. Rumelhart, cuja obra, *Schemata – the Building Blocks of Cognition*, se apropria da contribuição kantiana no sentido de conceber os esquemas como elementos de contextualização das percepções a partir da recuperação de informações relevantes para cada caso, com o objetivo de seu emprego correto e pertinente:

O processo é um procedimento de constituição e recuperação. Além disso, todo processo de obtenção de informações é um ativo procurar, um processo de busca por informações, que são trazidas nesses esquemas ou neles – ou através deles – são estruturadas. Um procedimento que é ligado de modo relevante aos nossos respectivos objetivos e necessidades atuais, portanto, à nossa ação. A interpretação esquemática é dependente de avaliação.

Lenk considera correto o ponto de vista de Rumelhart (parcialmente adotado também por Roger Schank e R. Abelson), de que o processo de esquematização é semelhante ao desempenho de uma peça teatral a partir de um roteiro: enquanto esse último é algo fixo e acabado, a representação é dinâmica e totalmente dependente de uma situação, da qual podem ser participantes tanto pessoas quanto ações ou ainda “acontecimentos e

objetos de qualquer tipo” De modo semelhante ao que se viu em Horkheimer e Adorno, Lenk compreende os esquemas como elementos fundamentais em nosso processo de inserção na realidade imediata, na medida em que essa inserção depende de contínua interpretação dos dados percebidos, da qual, por sua vez, depende nossa ação prática. Para Lenk, no entanto, essa orientação advém daquilo que foi chamado por Kellys de “construtos pessoais”: “A orientação que temos ou recebemos em nossa vida é, a todo momento, dependente desses construtos pessoais ou desses esquemas e também do montante ou montantes totais desses esquemas que estão à nossa disposição para a interpretação de nosso mundo”.

Desse modo, Lenk concebe a esquematização como algo que ocorre desde o nível mais elementar da percepção sensível e se amplia paulatinamente num processo caracterizado como “ascensão semântica” (*semantischer Aufstieg*), no qual os esquemas cuja aplicação já está automatizada podem ser tomados como objeto de investigação, no que o autor chama de “meta-representação”, tornando-se cada vez mais conscientemente empregados até o nível da formulação teórica propriamente dita.

É interessante observar que Lenk, referindo-se a Kaulbach, faz uma pequena digressão sobre um modo alternativo de esquematização, além do consagrado aos juízos determinantes – que partem do universal para chegar ao particular –, típicos do conhecimento científico e tratados exhaustivamente na *Crítica da razão pura*. Tal esquematização alternativa se referiria aos juízos reflexivos, os quais, de posse de algo particular, procuram a universalidade que melhor lhe corresponda; tais juízos, como se sabe, são o objeto preferencial da *Crítica da faculdade de julgar*. Sem poder entrar nessa complexa discussão aqui, assinalo apenas que a menção, na *Terceira Crítica*, ao juízo de gosto como um tipo de “esquematização sem conceito” é mais um daqueles pontos

extremamente obscuros da obra de Kant, ao qual alhures dedicarei a devida atenção. Para nossos objetivos aqui, basta registrar o ponto de vista de Kaulbach, indicado por Lenk, de que a faculdade reflexiva de julgar propicia maior liberdade de interpretação, já que o caso particular não é simplesmente subsumido sob o universal, como ocorre na faculdade determinante de julgar, mas, na procura do universal que melhor corresponda ao particular do qual se dispõe, há a possibilidade da criação de novos esquemas e do enriquecimento de todo o processo interpretativo:

A técnica da razão *projetante* pode ser e será, por exemplo, também na poesia, um tipo de formação de esquemas num plano superior. A projeção de modelos e esquemas, particularmente, é claro, no sentido de imagens reinterpretadas ou criadas seria nesse sentido uma tarefa de esquematização num grau superior e iria muito além do modelo das operações do entendimento esquematicamente um pouco restritas

A discussão, relacionada com o que se disse acima, sobre a preponderância das imagens ou de conceitos no processo de produção das representações humanas, leva Lenk à consideração também do ponto de vista etológico de Konrad Lorenz, segundo o qual haveria em espécies animais mais evoluídas algo como um “esquema-de-estímulo-e-reação”, surgido no processo de seleção natural com o objetivo de garantir a sobrevivência das espécies mais aptas. Lenk não discorda de Lorenz nesse particular, que – surpreendentemente – não está em desacordo também com o ponto de vista de Horkheimer e Adorno, mas assevera que é difícil separar rigidamente o que em nosso aparelho cognitivo é geneticamente pré-formado daquilo que se desenvolve a partir das convenções e dos hábitos. Nos seres humanos, aliás, a formação de esquemas *aprendidos* tende a predominar com o desenvolvimento da cultura e da civilização. Enorme atenção é dedicada por Lenk exatamente a esse processo de formação de esquemas a partir da convivência

social e das situações de vida que, ao surgirem, obrigam não apenas a reativação de esquemas antes estabelecidos e depois esquecidos, mas também a criação de novos esquemas (isso também parece não contradizer o ponto de vista da *Dialética do esclarecimento*). Sob esse aspecto, é interessante observar, com Lenk, que os esquemas destinados à sobrevivência num sentido mais básico – inclusive aqueles fornecidos pela linguagem – são quase sempre muito imprecisos e necessitam ser paulatinamente corrigidos, sobretudo se se trata de elevá-los à condição de esquemas de apoio a teorias científicas: “esquemas convencionais são, por sua parte, eles próprios também construtos hipotéticos, que podem ser descritos e gnosiologicamente analisados por conceitos de disposição de grau superior: pode-se, como já se disse, fazê-los novamente objeto de investigação e ter-se-ia então que empregar meta-construtos, ‘meta-esquemas’.

Nessa preocupação com o emprego dos esquemas no processo de se situar no mundo e no meio-ambiente, não falta no texto de Lenk uma menção à “projeção”, porém num contexto que não se relaciona diretamente à concepção freudiana, embora não seja incompatível com a dos autores da *Dialética do esclarecimento*, na medida em que o termo “projeção”, aqui, é empregado como sinônimo de aplicação de esquemas, de um modo aparentado com o que se viu no tocante ao texto “Elementos do antisemitismo”. No entanto, uma das aproximações mais evidentes da concepção de esquematismo de Lenk para com a de Horkheimer e Adorno é o fato de que, para aquele, a ativação dos esquemas – especialmente aqueles associados à sobrevivência dos indivíduos e da espécie – pode se dar também de um modo inconsciente e/ou pré-consciente e não apenas enquanto aplicação deliberada a um certo objeto: “Os esquemas podem ser ativados também pré-consciente, subconsciente ou inconscientemente para a estruturação de situações e objetos percebidos,

mas também a partir de aspectos e perspectivas cognitivos de grau superior assim como relevantes para a ação".

Uma constante na posição defendida por Lenk, também não de todo incompatível com as preocupações de Horkheimer e Adorno, mas que delas se distancia claramente, é quanto à existência de um processo fisiológico paralelo à ativação dos esquemas, que lhe serve, por assim dizer, de base física. Embora ao longo de seu livro Lenk se valha das teses de Hans Flohr Springer-Deutsch, Gazzaniga-Le Doux, Johnson-Laird, Kenneth Craig, etc., a primeira menção a esse processo fisiológico aparece em conexão com a teoria de Donald Hebb, Wolf Singer e R. Eckhorn sobre a percepção de objetos externos associada à vibração em fase de neurônios que, formando um feixe – um conjunto – transmitem a sensação relativa à coisa percebida aos centros superiores de processamento das informações em nosso cérebro:

A estabilização de esquemas, nesse sentido, pode ser de certo modo compreendida como um tipo de processo vibratório em rede, marcada por uma rítmica específica de construtos ou conjuntos de neurônios, a uma frequência fundamental, com a qual esses neurônios vibram ou disparam. (...) Esse processo vibratório pode, naturalmente, ocorrer de modo quase automático, ressaltando características no entorno diante de um fundo ou da vizinhança, ocasionando, portanto, a formação de perfis, estabelecendo padrões e estruturas, tornando possível os contrastes

Mas, curiosamente, Lenk não se desobriga também de fazer uma menção à hermenêutica no sentido mais específico, especialmente à interpretação de textos. Desde o início de sua exposição sobre o esquematismo como um processo eminentemente interpretativo, Lenk menciona a interpretação de textos como um caso específico da interpretação num sentido mais amplo, à qual ele associa, como vimos, a própria percepção sensível. Porém, ao final de sua exposição mais genérica sobre o processo de

esquematisação, correspondente ao segundo capítulo do livro aqui referido, o autor faz questão de mencionar explicitamente a hermenêutica enquanto modelo privilegiado da atividade interpretativa intencional e até mesmo reflexiva. Essa atividade se expressa no que Lenk chama de “paradigma da leitura” (*Leseparadigma*):

Esse reconhecimento estrutural, essa reidentificação compreensiva de estruturas de signos são, em certo sentido, aparentados com os tradicionais conhecer e compreender hermenêuticos. Eu gosto de falar, em relação a esses últimos, em paradigma da leitura, o qual tentou-se estender na Hermenêutica também aos modos de compreensão diante da totalidade do mundo. O consciente re-identificar e o interpretar (*Deuten*) cognitivo se assemelham, antes, a esse paradigma da leitura aproximadamente como à já mencionada – em parte levada a cabo de modo subconsciente – interpretação esquematizante. Portanto, pode-se contrapor a interpretação de *textos* à interpretação esquematizante no sentido amplo ou concebê-la como um caso especial dessa última:

Em relação a esse último ponto, Lenk explicita sua discordância com Paul Ricoeur quanto ao caráter universal da interpretação de textos: para ele não seria possível conceber o “paradigma da leitura” como modelo hermenêutico mais geral, na medida em que, para ele, o conhecimento, o pensamento e a ação não dependem apenas de uma atitude receptiva – típica da leitura – mas, através de sua atividade esquematizante, moldam e “constroem” dinamicamente seus objetos. O próprio Lenk assevera que modelos hermenêuticos como o de Dilthey e de Gadamer seriam mais compatíveis com essa ativa construção do objeto; mas, nesse particular, permanece sua dúvida quanto à posição de Ricoeur:

Mas, de qualquer modo, a interpretação “compreensiva” da hermenêutica é integrada com bastante destaque na hierarquização que Lenk propõe para os diversos “graus ou planos da interpretação”¹, cuja transcrição funciona, aliás, como uma

¹

Ibidem, p. 66.

recapitulação do caminho percorrido até aqui na exposição da teoria, de Hans Lenk, do esquematismo enquanto interpretação (a sigla “IS” refere-se à expressão alemã *interpretierende Schematisierung* – esquematização interpretativa):

Graus ou planos da interpretação

- IS₁ – interpretação originária produtiva (*produktive urinterpretation*): praticamente imutável (constituição ou esquematização primária).
- IS₂ – interpretação exemplar (*Musterinterpretation*): formadora dos hábitos e das semelhanças formais (categorialização dos esquemas e das formas habituais + formação pré-lingüística de conceitos).
- IS₃ – Formação convencional de conceitos (*konventionelle Begriffsbildung*): socialmente estabelecida, transmitida e recebida culturalmente:
- IS_{3a}: formação de conceitos pré-lingüisticamente (*vorsprachlich*) normatizada e interpretação através de normatização social e cultural.
- IS_{3b}: formação de conceitos de modo lingüístico-representacional (*representierende sprachlich*) normatizada.
- IS₄ – Interpretação classificatória conscientemente formada (*bewusst geformte Einordnungsinterpretation*) (classificação, subsunção, descrição, formação e classificação de espécies, formação dirigida de conceitos).
- IS₅ – Interpretação (teoricamente) fundamentada; interpretação de legitimação (*(theoretische) begründete Interpretation; Rechtfertigungsinterpretation*): explicativa, “compreensiva”, legitimadora.

IS₆ – Meta-interpretação gnosiológica (metodológica) (*erkenntnistheoretische (methodologische) Metainterpretation*): meta-interpretação do método de construtos interpretacionais.

Um dos aspectos mais evidentes do conceito de interpretação esquematizante de Lenk é exatamente o caráter social e cultural que ele atribui ao uso que fazemos dos esquemas em nossa atividade perceptiva e cognitiva (num sentido amplo). Para ele, desde os níveis mais básicos até os mais elaborados da interpretação há uma espécie de pré-formação social dos objetos por nós percebidos, conhecidos e – simultaneamente – interpretados:

Em princípio não interpretamos isoladamente, mas numa fundamental comunidade de interpretação pressuposta, que, por sua parte desenvolve primeiramente uma cultura de interpretação dos costumes, práticas, regras e critérios do interpretar. A interpretação não é, portanto, dito resumidamente, um mero acontecimento, mas uma ação socio-cultural, profundamente integrada nas práticas, costumes ativos, formas de vida, culturalmente forjados e recebidos, socialmente convencionados, em parte institucionalizados, portanto, socialmente normatizados e controlados².

Nesse particular, e sob certo aspecto, Lenk se encontra em sintonia com o que Horkheimer e Adorno propõem em sua teoria do conhecimento enquanto atividade projetiva, socialmente pré-condicionada. Mas, nessa possível aproximação, mostram-se muito claramente os limites da posição de Lenk: se, por um lado, ele sistematiza e formula de modo orgânico a relação entre esquematismo e interpretação tendo em vista o pano de fundo sócio-cultural, por outro, a pré-formação social da percepção enquanto atividade esquematizante é vista por ele sem o menor vestígio de senso crítico. Para Horkheimer e

²

Ibidem, p. 73.

Adorno tal pré-formação é um dado inelutável, que, entretanto, historicamente tem se constituído como palco de manipulações de diversas ordens, como o demonstram a teoria da falsa projeção no tocante à incitação racista e a teoria crítica da indústria cultural, na qual os autores – drasticamente – afirmam que uma instância ideológica do capitalismo tardio pura e simplesmente subtrai dos indivíduos a capacidade de esquematizar por conta própria, sinalizando-lhe o modo como os objetos sensíveis devem ser “percebidos”. Essa diferença pode ser mais bem compreendida se se leva em consideração o papel desempenhado pela auto-reflexão do sujeito: enquanto para Horkheimer e Adorno – em consonância com a “unidade sintética originária da apercepção” kantiana – ela é imprescindível não apenas para o conhecimento, mas para a percepção em geral, para Lenk, a auto-reflexão é, por assim dizer, “funcional”: é entendida como um grau superior da atividade interpretativo-esquemático, fruto da necessidade de auto-referencialidade nos níveis mais avançados dessa atividade sem que seja considerada fundamental para todos os níveis da cognição.

Com isso, como diria Adorno num outro contexto, fica “a controvérsia remetida de volta à sua instância kantiana”, i.e., constata-se que, tendo em vista uma avaliação crítica da concepção de esquematismo aplicada ao desvendamento das estratégias ideológicas do capitalismo tardio, torna-se necessário um “retorno” ao texto de Kant e de comentários específicos sobre a doutrina do esquematismo sobre a doutrina do esquematismo. Mas este, certamente, não é o lugar para se fazer isso, ficando a tarefa para outra oportunidade.

PERCEPTION AND INTERPRETATION

Abstract

This article approaches the use Horkheimer and Adorno of the Kantian doctrine of schematism do in order to explain culture industry's typical procedure, according to which the capacity of its customers to "schematizing" (i.e., referring intuitions to concepts) by their own is expropriated from them. Taking into account that the authors do not give further clues to understanding how this process works, my article seeks to explain how the very capacity of perceiving is reached by the "schematism's usurpation", according to points made in the chapter of *Dialectic of Enlightenment* on anti-semitism. These points are further completed – and also compared – with positions by Hans Lenk in his book *The Thought and its content*.

Keywords: Critical Theory, Frankfurt School, Immanuel Kant

Referências

- ADORNO, Theodor. *Ästhetische Theorie*, Frankfurt am Main. Suhrkamp, p. 140, 1996.
- CURTIUS, E. "Das Schematismuskapitel in der Kritik der reinen Vernunft": *Kant-Studien* 19 (1914), p. 338-366.
- DETEL, Wolfgang, *Crítica da razão pura*. "Zur Funktion des Schematismuskapitel in der Kritik der reinen Vernunft": *Kant-Studien* 69 (1978), pp. 17-45.

Dialektik der Aufklärung, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1981, p. 103.

Dialektik der Aufklärung, op. cit., p. 212.

FERRARIN, Alfredo, “Construction and Mathematical Schematism. Kant on the Exhibition of a Concept in Intuition”, *Kant-Studien*, 86-2, 1995;

FREUD, Sigmund, *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1911). Capítulo III: “Sobre o mecanismo da paranóia”..

Halbbildung proposta por Guido de Almeida em sua tradução da *Dialética do esclarecimento* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1984).

LA ROCCA, Claudio, “Schematismus und Anwendung”, *Kant-Studien*, 80-2, 1989.

LENK, Hans, *Das Denken und sein Gehalt*, Scientia Nova. Ondelburg, 2001.

PIPPIN Robert, “The Schematism and empirical concept”, *Kant-Studien*, 67-2, 1976;

STRAWSON, P.F. “The Metaphysics of Transcendental Idealism” (extraído de *The Bounds of Sense*), in: Patricia Kitcher, *Kant’s Critique of Pure Reason. Critical Essays*. Lanham/ Boulder/ New York/ Oxford, Rowman & Littlefield Publishers, 1998.

Teoria Tradicional e Teoria Crítica (“Traditionelle und kritische Theorie”, in: *Gesammelte Schriften Band4: Schriften 1936-1941*. Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1988, p.161-216.